

ID: 114268608

22-11-2024

A história da Vista Alegre contada sob lustres reais

EXPOSIÇÃO Fundada há 200 anos por João Ferreira Pinto Basto, a Vista Alegre há muito que se tornou um símbolo de Portugal no mundo. A sua história é evocada agora na exposição *Rumo ao Infinito - Vista Alegre, 200 anos de Criatividade*, ontem inaugurada no Palácio da Ajuda, em Lisboa.

TEXTO MARIA JOÃO MARTINS



A exposição mostra 400 obras históricas da Vista Alegre para ver até 31 de maio.

ALVARO ISIDORO

Os dois zeros entrelaçados, no logótipo do bicentenário, formam o símbolo de infinito com que a Vista Alegre, em festa, se apresenta na exposição, que inaugurou esta quinta-feira, no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa. *Rumo ao Infinito - Vista Alegre, 200 anos de Criatividade*, assim se intitula a mostra, celebra a história de uma marca que é uma bandeira cultural de Portugal no mundo, mas também se abre ao futuro e à inovação tecnológica e artística. Todo o trabalho de museologia e curadoria foi elaborado por Filipa Oliveira e Anísio Franco, com consultoria da diretora do Museu Vista Alegre, Filipa Quatorze, o que foi decisivo para que as mais de 400 peças expostas entrassem num diálogo fluido entre passado, presente e futuro, sempre com a arte e a tecnologia como pano de fundo.

Como nos diz Anísio Franco, historiador de arte e conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, “uma das principais preocupações dos curadores foi demonstrar como, em muitos casos, a produção da Vista Alegre antecipou a chegada a Portugal de alguns dos principais movimentos artísticos dos séculos XIX e XX”. E exemplifica com dois casos emblemáticos: os temas românticos nas peças assinadas pelo francês Rousseau, ainda nas décadas de 1830 e 1840 e, cerca 30 anos mais tarde, os elementos Arte Nova sobre porcelana, muito antes que este movimento artístico se implantasse, de facto, no país.

Uma “Chávena com Pires” raríssima

O percurso começa na Sala dos Embaixadores do Palácio, cuja imponência poderia facilmente ter esmagado a delicadeza do ma-

“Uma das principais preocupações dos curadores foi demonstrar como, em muitos casos, a produção da Vista Alegre antecipou a chegada a Portugal de alguns dos principais movimentos artísticos dos séculos XIX e XX”

Anísio Franco
Historiador de arte

terial exposto – cerca de 400 obras históricas, de média e pequena dimensão – mas tal não acontece graças ao trabalho do estúdio P06, dirigido por Nuno Gusmão. Esta primeira sala transforma-se, assim, numa caixa de joias, que guarda, além das peças icónicas de várias épocas, da fundação à atualidade, muitas peças em “chacota” (só com uma primeira cozedura), demonstrativas das várias fases de produção da Vista Alegre. Destas cerca de 400 peças, há que destacar a raríssima “Chávena com Pires”, com decoração a ouro e rosa, ostentando medalhões policromados, com figuras alegóricas. Trata-se de uma das duas primeiras peças conhecidas produzidas pela Fábrica, destinada à infanta Isabel Maria (1801-1876), filha do rei D. João VI e regente do Reino após a morte do pai. Mas também podemos salientar, pelo valor histórico, as pe-

ças da primeira encomenda de um particular à marca – a baixela do Marquês de Abrantes, ainda na primeira metade do século XIX, ou as obras encomendadas a nomes grandes das artes portuguesas como Raul Lino, Roque Gameiro, Delfim Maya ou, mais recentemente, Siza Vieira, Júlio Pomar ou Bela Silva.

Mas engana-se quem, como a jornalista, espera encontrar tais preciosidades atrás dos vidros de vitrinas. Sem mediação, elas apresentam-se ao seu público, como “estrelas” que são, protegidas por um círculo que vai desfiando a linha cronológica da história da marca, desde a fundação por Pinto Basto à atualidade. “Esta proximidade do olhar – diz-nos Filipa Quatorze, diretora do Museu da Vista Alegre – acaba por ser muito atraente para o visitante, na medida em que lhe permite apreciar as peças sem reflexos.” Atrás desta primeira sala, o público poderá ter um “cheirinho” da manufatura Vista Alegre, com a exibição de moldes e matérias-primas, mas também com a presença de um pintor da fábrica a mostrar como é feita a pintura, sempre manual, das mais diversas peças.

A abertura da marca aos desafios do futuro está, por sua vez, simbolizada na instalação encomendada à artista plástica britânica Clare Twomey, autora da instalação *Continuum*, que, nas palavras da própria, “é uma homenagem à fábrica da Vista Alegre e à excelência dos que lá trabalham.” Com um confesso fascínio pelo mundo da indústria, Clare, que já trabalhou para instituições como o Victoria & Albert Museum, em Londres, imaginou, assim, uma cascata de barbotina, que funciona quase como uma experiência imersiva, já que nos remete para o som e até para o cheiro de uma fábrica de cerâmica.

Na sala D. João IV, sob os lustres que iluminaram a última corte de Portugal, a Vista Alegre mostra ainda algumas das suas mais recentes criações, que, além da porcelana, incluem já mobiliário, têxteis, cutelaria e cristal. E como não há celebração sem música, toda a exposição terá como tema de fundo a *Valsa Alegre*, composta por Rodrigo Leão para este bicentenário. A exposição pode ser visitada até 31 de maio, de quinta a terça-feira, das 10 às 19 horas. O bilhete apenas para a exposição custa 7 euros. Se incluir também a visita ao Palácio Nacional da Ajuda, fica por 12,50 euros.